# Cego Aderaldo exibiu Chaplin em um lençol

*Mario Pontes*

Hoje, infelizmente, vou pouco ao cinema. Mas já houve época em que eu ia quase todos os dias. Durante vários anos cheguei mesmo a participar ativamente da direção de um clube de cinema, quando não havia mais de cinco ou seis pelo país inteiro. Acredito que ainda hoje não seja fácil carregar nas costas um clube de cinema, ou mesmo um pedaço de um, mas tenho a impressão de que naquele tempo era bem mais trabalhoso. Principalmente levando-se em conta que o nosso estava lá no Nordeste, a milhares de quilômetros das embaixadas que nos proviam de curtas, e mais longe ainda da cinemateca do apóstolo Paulo Emílio, cujos artigos no *Estadão* líamos com um fervor de recém-convertidos.

O fato é que para fazer tudo aquilo que o cargo exigia, dispondo-se de tão pouco tempo e tão escassos recursos, era necessário um entusiasmo ininterrupto, uma disposição de nunca fraquejar nem parecer cansado, enfim, uma verdadeira paixão. Como qualquer cinéfilo que se preze eu tinha então essas qualidades. Adquiri-as subitamente, como por uma espécie de iluminação, numa remota e escaldante noite de julho ou agosto de 1939, quando mal havia completado sete anos de idade e estava freqüentando a primeira série do curso primário, como então se chamava.

Nesse tempo eu morava numa pequenina cidade do interior do Ceará, onde ainda não havia cinema. Outra diversão, para gente como eu, não existia. Só uns dois ou três privilegiados tinham aparelhos de rádio, nos quais, com muito boa vontade, ouviam música e noticiários filtrados pela censura estadonovista. O que verdadeiramente nos ligava ao mundo era o trem, a maria-fumaça que três vezes por semana trazia da capital os jornais com as notícias da guerra mundial que os ditadores estavam ensaiando na Espanha e na Abissínia.

Certo dia, para sorte minha, apareceu na cidade o Cego Aderaldo. Quem já leu alguma coisa sobre violeiros, cantadores, poesia popular, literatura de cordel, sabe que acabo de mencionar uma figura mitológica. Considerado então o rei dos improvisadores do Nordeste, Aderaldo já não era o pobre e solitário cantador que, tendo perdido a visão muito jovem num acidente de trabalho, descobriu sua vocação na adversidade e viveu longos anos das esmolas que a rabeca lhe ajudava a tirar. Com a fama, sua vida suavizou-se. Adotou filhos adolescentes que logo o ajudaram a diversificar as suas atividades.

Quando os conheci formavam uma pequena *troupe* de artistas. Cada qual tocava o seu instrumento. Um deles fazia fotografias com uma dessas máquinas de tripé até hoje usadas pelos lambe-lambes. Creio que era ele, também, o responsável pela operação do desconjuntado projetor cinematográfico que o grupo levava consigo. A energia para movimentá-lo era gerada por um motorzinho diesel de fabricação alemã, barulhento como helicóptero.

Devo a minha primeira sessão de cinema às habilidades artesanais de meu pai, um fino marceneiro que aprendeu praticamente sozinho a fazer violões e outros instrumentos da mesma família. Foi por saber de suas artes que Aderaldo o procurou ao passar pela cidade. Sua rabeca necessitava de um reparo qualquer. Meu pai se sentiu tão honrado com a preferência e a visita do famoso cego que se recusou a cobrar-lhe o conserto do instrumento. Em troca, Aderaldo não quis pagamento pela cantoria que aceitou fazer na casa de meus avós, uma fazendinha acerca de cinco léguas da cidade.

À tarde, para os moradores da redondeza que vieram reunir-se no alpendre, Aderaldo tocou rabeca e cantou. Cantou os romances de Carlos Magno e do Pavão Misterioso; repetiu o final de sua célebre (e penso que imaginária) peleja com Zé Pretinho; e quando chegou finalmente a hora das louvações e improvisos, dedicou-me uma décima em celebração ao fato de um pombo, em pleno vôo, ter acertado sua *bomba* bem no cocoruto da minha cabeça.

No início da noite, depois de servida a ceia, foram retirados os pesados e rústicos móveis da sala de jantar, onde ficaram apenas os bancos e as poucas cadeiras existentes na casa. Instalaram o projetor em cima de uma pequena mesa e pregaram um lençol branco na parede do fundo. Apagadas as lamparinas a querosene, teve início a projeção.

Embora o sol já estivesse posto havia quase duas horas, a noite continuava quente e abafada, como costuma ser a maioria das noites sertanejas. Lá no interior da sala, por causa do arco voltaico do projetor, a temperatura devia andar perto dos quarenta graus, incômoda até mesmo para aquela gente habituada ao calor. Todos suavam; as mulheres abanavam-se com seus leques desenterrados do fundo da mala, os homens com seus chapéus de palha de abas largas.

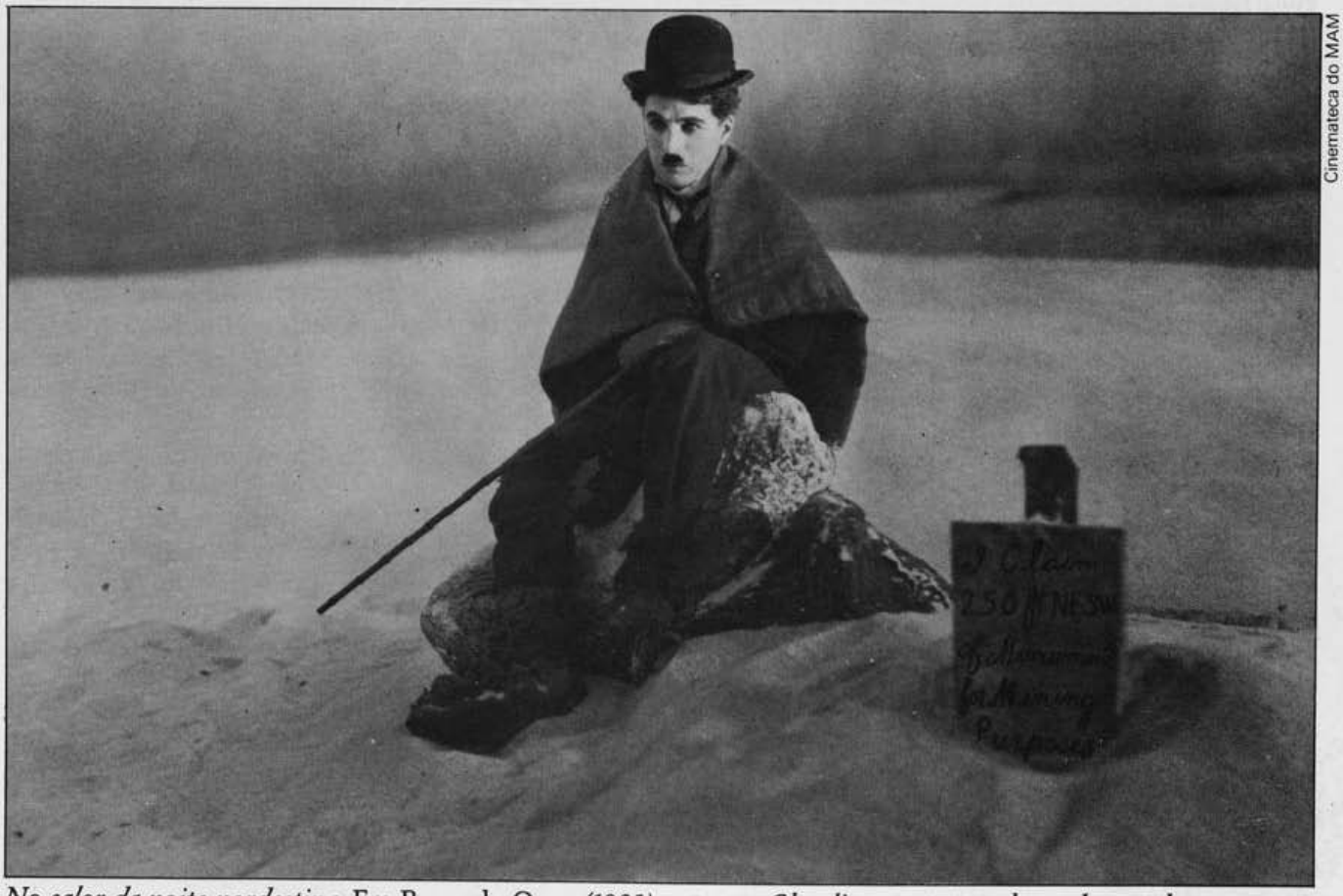
Então, de repente, fomos apanhados por uma gélida tempestade de neve. Nós e a extensa fila de homens que, como formigas, arrastavam-se penosamente por um desfiladeiro, os rostos açoitados pelo vento branco, as costas

vergadas ao peso de pás, picaretas, abrigos e provisões. Era tudo muito áspero, muito rude, mas havia naquilo uma beleza exigente, que me fazia esquecer as dificuldades e os sofrimentos dos caminhantes.

Ao que parecia, esta era também a reação do homenzinho de bigode quadrado que a seguir a câmera destacou da multidão. Carregando desajeitadamente as suas tralhas, seria normal que ele se mostrasse até mais cansado e irritado do que os outros, mesmo porque, ao contrário da maioria, era fraco e delicado. Contudo, ele não dava mostras de exaustão e muito menos de desesperança. Pelo brilho dos seus olhos e a vivacidade dos seus gestos ficava-se mais tentado a crer que no fundo estava alegre e até encantado com aquela confusão. Não devia ligar muito para os obstáculos e imprevistos; pelo contrário, tirava partido de cada um deles para ir em frente e de quebra ainda nos fazia rir com as suas trapalhadas.

Não sei se pensei isto naquela noite ou muitos anos depois. Mas de uma coisa tenho certeza: quando o filme terminou e as lamparinas foram acesas eu continuava estático, de olho pregado no lençol à guisa de tela, sentindo dificuldade em me despedir do vagabundo e encontrar o caminho que me trouxesse de volta das montanhas cobertas de neve ao calor sufocante da noite nordestina. Aliás, até hoje não fiz inteiramente esse retorno. E não me perturbo por isso. Acho que ter permanecido um pouco do lado de lá foi uma das dádivas que recebi do cinema.

Sempre que o peso de uma realidade deprimente parece a ponto de me esmagar, o milagre volta a acontecer: sonho com montanhas cobertas de neve e um vagabundo que as percorre meio andando meio dançando, o coração carregado de ternura, o estômago vazio aceitando elegantemente satisfazer-se com a sola e os cordões de uma bota imprestável. E sonhando assim me liberto da negra realidade, recupero a minha própria capacidade de fantasiar e, portanto, de viver.



Cinemateca do MAM

*No calor da noite nordestina,* Em Busca do Ouro *(1925) mostrou Chaplin nas montanhas cobertas de neve.*